



# Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

ANO XV — N.º 386 — Preço 1\$0  
27 DE DEZEMBRO DE 1958

Composto e impresso na Tipografia da Casa do Gaiato — Paço de Sousa  
Redacção e Administração: Casa do Gaiato — Paço de Sousa

FUNDADOR  
PADRE AMÉRICO

Propriedade da OBRA DA RUA — Director e Editor: PADRE CARLO  
Vales do Correio para Paço de Sousa — Avença — Quinzenário

## Facetas de uma Vida

### Das pessoas e das coisas

Ela aparecia sempre no dia marcado, ao cantar do galo, e logo se dava começo à tarefa. Vinha urdir teias de linho, a Carolina tecedeira!

Era muito alegre. Tinha o jeito do tear e pelas mãos delicadas passara-lhe todo o pano de linho guardado nas arcas fortes daquelas redondezas.

Vinha urdir teias de linho, a Carolina tecedeira!

Em cima, no sobrado grande, a urdideira preparara-se na véspera, à tarde. O fio de quarenta novelos corria-lhe agora por entre os dedos e, à medida que o fiado engrossava nos braços da urdideira, iam desaparecendo os novelos, sempre a girar, nos escaninhos da caixa.

Como era lindo ver passar nos dedos da tecedeira este fiado de neve, que havia sido arrancado à terra em Maio do ano anterior; que havia enchido os fusos palradores das fiadeiras, à lareira, nas noites compridas do inverno; que tinha ido à barrela de cinza durante todo o Março e o Abril; que se vira branquear sobre leiras de relva e flores, fitando de dia o sol em brasa e à noite o olhar macio das estrelas! Tinha levado a vida numa romaria constante e ainda agora era a rir, a rir muito alto, que ele passava nos dedos da tecedeira!

## BELÉM

Fui hoje ver novamente a casa que Deus destinou para berço da Obra. Agora é mais fácil fazer cálculos, por já se encontrar desocupada. Poderá comportar, pelo menos, quinze crianças. Digo crianças, porque vamos começar pelas mais novinhas. Abençoe Deus os nossos primeiros passos e volte para nós aquelas que não de vir possibilitar ou facilitar a realização do grande sonho. Esta habitação fica dentro duma quinta e cercada de arvoredos, com largo espaço para as crianças brincarem e saltarem. Ótima para fortalecerem os pulmões ao contacto do ar puro.

Curiosa de notar é a histó-

Tinha vindo urdir teias de linho a Carolina tecedeira!

\*\*\*

Era viúva. Um dia, nos seus tempos de moça, o cantador botara esta loa à janela do tear:

«Aqui estamos os três moços Do lugar de Quebrantões. Os nossos três corações Qual de vós é que falseia. Serás tu, ó Carolina, Felisbela, ou Doroteia?»

A Carolina não falseou ninguém, mas logo ficou viúva. E como não havia de ser assim, se ela desde muito pequena prometera ser do tear?

Urdia teias de linho a Carolina tecedeira!

LUME NOVO — N. 12  
Abril de 1930

## Uma grande descoberta

Aqui há uns anos atrás, nas escavações duma igreja em Montmartre, apareceu uma pedra com esta inscrição:

ic  
ilec  
hem  
inde  
san es

Grande celeuma nos arqueólogos de todo o mundo, e vá de localizar a pedra na sua idade. Divergências de séculos, de traduções e de aplicações azedam a questão, sem se chegar a um acordo.

Nesta altura o sacristão da igreja mata a charada com grande espanto de toda a gente:

«Ici le chemin des anes!»

FREI JUNÍPERO

«Lume Novo» N.º 3, 1927

## Aqui, Lisboa!

Fomos à procura do buraco onde estava o Sr. António Lobato, na Av. da Torre de Belém. Tinha sido o terreno nivelado pelos fiscais da Câmara. E então fomos à procura doutro. Duas ripas, uns trapos e uns papéis a cobrir e é uma barraca. Por dentro uma ceira a fazer de colchão. À volta papéis e lixo. Em baixo a linha

do Estoril, o caminho do prazer, a estrada da leviandade e tolerância. A nascente a Av. da Torre de Belém. E ali um homem, condenado pela doença, cuspidor para a montureira pela sociedade. Está de quarenta e oito anos, canceroso pulmonar, roupa nojenta, barba grande, boea suja e um olhar... Ai o olhar reflecte a alma! Aquela alma espiritual, aquele senso equilibrado de viver honestamente; aquele saber sofrer a doença e o abandono. Aquela alma serena, que ficou depois de perder tudo e todos menos Deus. Como ele estima a medalha de Cristo que traz na carteira!

As palavras que ouvimos naquela história da sua vida; aquele julgar os outros sem desprezo mas com Fé; aquele «hoje para encontrar um bom é preciso quase andar de candieira acesa porque isto hoje é tudo uma porcarias» — fizeram-me medir a grandeza duma alma que vive encoberta com trapos e respira à noite o ar podre do lixo que tem à beira. Ai aquela alma! Quem aguentaria este desgraçado? Dos senhores que ali passaram entretanto, nos seus confortáveis carros; dos milhares de gente

«Uma casa de família para as sem família».

ria da sua origem, rica de significado para nós. Fôra inicialmente construída para celeiro. A atestá-lo, lá está ainda a ceira larga, em frente e ao mesmo nível da porta principal. Só mais tarde o dono resolveu ampliá-la e adaptá-la a vivenda. «Belém» instalada num celeiro, para que este volte a ser a verdadeira Casa do Pão!

Quando cheguei, a chuva alagava tudo e a ceira estava coberta com o tapete das folhas mortas que se vão despreendendo dos carvalhos. Uns passaritos, abrigados sob a varanda comprida, soltavam uns pios tristes, friorentos e sa-

Continua na 3.ª página

## PRESENÇA

Jerusalém, depois do Natal.

Os Magos chegaram. Nos seus corações de homens de boa vontade tinham despertado rumores de uma paz nova, diferente, e eles vinham em procura do Príncipe da Paz.

Dirigiram-se ao rei a perguntar pelo Rei. «Ouvindo isto Herodes perturbou-se; e toda Jerusalém se perturbou com ele» (Parecia unidade onde era a desagregação!)

Herodes, porém, sabia dissimular. Os Magos, em simplicidade de coração, todo absorvido pelo desejo de conhecer o Príncipe de uma Paz cuja experiência já era tão feliz — julgaram sincero o rei e prometeram conforme ele pediu: «Ide e informai-vos bem acerca do Menino; e, quando o encontrardes, vinde por aqui dizer-mo, para que também eu O vá adorar».

Mas um Anjo avisou os Magos e eles não voltaram. E outra vez um Anjo avisou José e ele retirou para o Egipto com o Menino e Sua Mãe; e lá esteve até à morte de Herodes.

Entretanto, «uma voz se ouvia em Ramá, grandes prantos e lamentações: Era Raquel chorando os seus filhos, chorando sem consolação possível; porque Herodes decretara a morte de todos os meninos de dois anos e menos de dois anos, que havia em Belém e seus arredores».

Assim se pensara liquidar Jesus.

x x x

Cristo foi um intruso desde o Natal.

Dificilmente o rei suporta a luz do Rei. O Rei é Luz e cega os que não cegaram de amor por Si.

César sempre viveu entre libertar-se d'Ele: a bem, ou a mal. Se puder ser a bem, tanto melhor para César, que foge ao sempre odioso da questão (questão de mesquinhez e de soberba), nem que vestindo a opa, e segurando um varal de pálio. Então tudo reveste uma aparência de cortezia e franco entendimento. Julga-se (Julgam os mais superficiais, por natureza ou condição...) que as ordens do humano e do divino estão cada qual em seu lugar.

Mas quando Cristo invoca o Seu direito, revela-se que César se entronizara por suas próprias mãos, consentindo também, *condescendentemente*, enquanto lhe foi útil, o lugar que *só pertence* ao Rei.

O direito de Cristo, que César, quase sempre, considera demasiado caro, é a conformidade da *actuação* do rei com os *princípios* do Rei, como é da essência da recta hierarquia de valores.

Cristo não é um Deus de aparências. É, simplesmente, Deus — que «se adora em espírito e em verdade». Por isso não pode acomodar-se às medidas dos homens, por mais prudentes e mais sábios, se a unidade-padrão troca o essencial pelo acessório. Cristo *não pode!*

Se os homens não *querem* acomodar-se às medidas divinas, que são valores absolutos de Verdade e de Vida, tornados Pessoa, desde o Natal, em Cristo Jesus — por força Ele continuará um *intruso*, como jámais deixou de ser, desde «aquele tempo».

Mas Cristo é Deus, que veio, «feito carne», ao mundo que

Continua na quarta página



Belém de Lisboa — 1958. Como seria Belém de Judá?



CAMPANHA DE ASSINATURAS

«...queimar o mundo no Amor»

Para que se avale e dê graças a Deus pela «fogueira» que arde nos arraiais da Campanha, vamos dar a palavra aos leitores. Que almas em cachão! Que almas a transbordar! Quando Cristo em nós, é assim. E como o mundo se enche da Sua presença!

Vai falar um sacerdote. É de Rezende. E diz assim: «Venho pedir o favor de me enviarem o «Famoso» de que sou leitor assíduo, porque vejo nele a voz da inquietação e da verdade cristã. Não mando já o dinheiro porque o não tenho. Espero enviar novos assinantes. É preciso atear o fogo. É preciso queimar o mundo no Amor». Um Sacerdote — voz da Igreja. Quem me dera que fosse, hoje, Pai Américo a escrever a Campanha. O que d'ria! E como deve estar no Céu imensamente contente! «É preciso atear o fogo e queimar o mundo no Amor», diz a carta. Muito bem! Não é outro o objectivo da Campanha. Atear o fogo e queimar o mundo no Amor de Cristo. Amor que leva o homem às culminâncias. «Voz da inquietação, voz da Verdade». É assim mesmo o «Famoso». E uma vez tomando-lhe o gosto quem pode desligar-se dele, quem? Pregoeiro da Verdade, bandeira de Cristo; outra coisa não poderia ser «O Gaiato» porque é a voz dos Pobres. A voz dos nossos irmãos que sofrem, como Jesus naquele tempo. O Pobre é a presença visível de Cristo — sofredor.

Precisávamos de um jornal inteiro para dizer de como os leitores levam tão alto o sentido da Campanha. Mais um testemunho de amor: «Peço o favor de desculparem por não arranjar mais assinaturas. Estou doente, mesmo de cama. Mas mesmo assim fiz quanto pude para ajeitar estas duas assinaturas. O meu desejo era encher tudo com assinantes mas estou doente e além disso sinto-me cansada com o peso dos meus 79». Não sei que mais destacar: se a delicadeza, se o desejo insatisfeito, se o acto heróico. É impossível que esta carta não faça sangrar muitas almas por esse mundo fora.

Para aqui embuido nestes documentos de grande valor espiritual, quase não dou fé de quem entra e sai! A Luz cega. Despo o ambiente. Transpõe ao mais Alto. Mas algo quebra estes momentos. Avelino chega, de mansinho, e entrega o resultado dos últimos dias. Outro maço de cartas! Aproveito, naturalmente, a ocasião para uma entrevista. Mesmo, mesmo a escorregar e Cándido (que, aliás, precisa de um puchãozinho de orelhas) desconfia e vá de dizer: «Cautela que é pró jornal...» Ora vejiam lá os senhores que a gente nem pode conversar! O certo é que apurei informações que vão alegrar muito os devotos desta coluna. Por exemplo: «Os assinantes que vieram já passam de oitocentos», diz Avelino. E que «se se mantiver este ritmo isto vai longe», torna a afirmar. Ora eu acho que da maneira como segue a procissão, entusiasmada, é mui difícil perder a velocidade inicial. Para o quê tenham a bondade de confirmar: «Fiquei satisfeita em ler no jornal que já havia 256 assinantes e agora com mais quatro ficam 260. Eu já arranjei onze e gostaria de chegar, pelo menos, às 50 ou 100, mas leva tempo. No entanto, com persistência, trabalho e fé em Deus espero consegui-lo».

Fazendo uma síntese da correspondência recebida notamos mais que uma vez os nomes de Mogadouro, Mourisca do Vouga, Oliveira do Bairro, Vila Real, Covilhã, Ermezinde, Maceira-Liz e outras terras que, agora, nos falham à memória. A cidade do Porto desperta um nadinha! Bom sinal. Ficamos contentes, pelo amor que temos ao Porto. Porém, isso não obsta que «de Lisboa vêm mais» segundo informa o Avelino. Até do Tribunal de Contas! Por onde a gente anda!

Quiseramos ficar por aqui. Mas quem pode resistir à avalanche de cartas formosas? Formosas não pela letra, nem pelo estilo. Formosas pelo que encerram de beleza espiritual. «A Doutrina de «O Gaiato» (que é do Evangelho) faz tanto bem!! Tanto que só Deus sabe medir a intensidade dela nas almas». Isto diz uma. E esta:

«Cheia de alegria, venho trazer-lhe 5 assinaturas. Colaboro mais uma vez nessa grandiosa Campanha. Isto, porque muito amo a Obra. Isto, porque devo muito à Obra. Isto, porque amo muito o Senhor Jesus. Isto, porque devo muito à Religião Católica».

Quando «O Gaiato» entrar em todas as casas, o pobre será o Pobre. Os corações serão Corações.

Por motivos familiares, não posso dar-me inteiramente a essa Obra. Há tempos, li que se precisava aí uma senhora. Guardei o jornal. Nem quis pensar. Sou professora, minha Mãe viúva e só tenho um Irmão (Engenheiro Agrônomo). Por tudo isto, não posso dispôr de mim, enquanto o Senhor me conservar a Mãe.

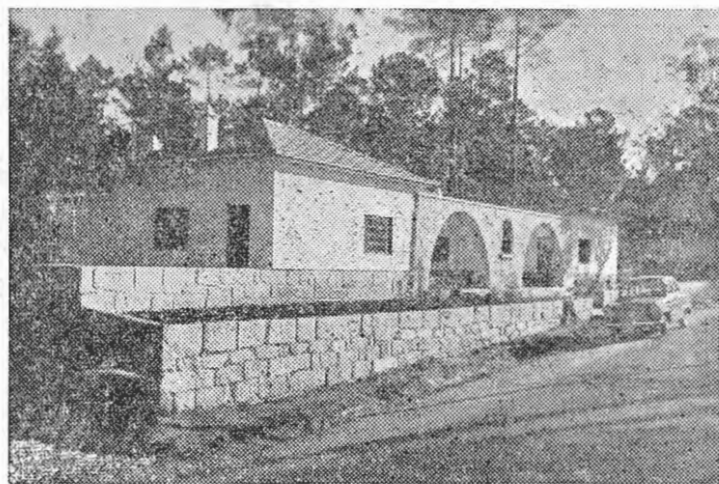
Não me posso dar toda à Obra. Mas por toda a parte, eu falo dela com lágrimas e entusiasmo».

Júlio Mendes

Já há muito que não ia. E, por muitas vezes chamado fui por aí fora. Crisanto ao volante, Sardinha a secretário e eu a servir de senhor importante, partimos cedinho. A manhã era fria de inverno.

A primeira paragem foi Abrantes, junto ao mercado, a comprar duas dúzias de maçãs.

Em Gavião o pároco estava a sair do altar e informou-me que anda à procura de terreno,



Ermezinde. Seis lareiras. Tudo ali é belo e diz delicadeza.

mas eu contava ver já casas feitas.

O Senhor Prior de Gáfete estava à espera. Está a estudar o caminho que há-de seguir. Os rapazes compraram ali um pão alentejano.

Em Alpalhão são já muitas habitadas. Ficaram-me os olhos nas pessoas e flores e quintais das casas que estão à direita do quem vem de Castelo Branco, antes de entrar na povoação. Dei um abraço de parabéns ao Senhor Prior e segui muito contente.

Na linda vila de Crato visitamos a igreja e seu Prior que pensa no Património e espera que os paroquianos o ajudem.

Tínhamos mandado recado para Alter do Chão e o pároco deu-nos o caldinho do meio-dia. Antes fomos ver as famílias que já habitam e as outras casas que estão para habitar.

A paragem seguinte foi Estremoz. Padre Henrique anda carregado, mas radiante por



mais uma quinta casa que lhe ofereceram. Todas as que tem feito dizem bem naquela cidade tão alegre.

Mais um salto e começámos

Na passagem para Alvito, fomos participar da alegria das seis famílias contempladas com seis casinhas que são um mimo e que são conservadas de igual modo. Padre José Inácio lá estava a ver uma porta que não fecha. Habitam ali duas viúvas com filhos que perderam os maridos no mesmo desastre.

Outro pulo e estamos em Aguiar. Muita gente, muita festa. Tinha chegado o Senhor Bispo. Era a inauguração do relógio da torre e quatro casas do Património. Os pobres não sabiam que fazer, de contentes.

Há tarde voltámos pela cidade museu onde, com os meus companheiros que são estudantes, visitámos alguns monumentos e tomámos a estrada de Arraiolos. Nesta vila vimos já um monte de pedra para o Calvário e seguimos para Montemor a ver os habitantes do pequeno bairro e na passagem por Vendas Novas visitámos o centro de assistência do Património. Os senhores priores destas três vilas não nos levam a mal de não dizermos nada, mas era já tarde.

Noite alta quando chegámos à nossa casa de Setúbal, onde encontramos Padre Acílio triste com um programa de circo apresentado na televisão.

No outro dia visitámos as duas casas que Padre Acílio anda a acabar na cidade de Setúbal e tivemos pena que os vicentinos ainda não tivessem começado. Estão à espera do subsídio oficial. Não sei se valerá a pena.

Partimos a ver terrenos na freguesia de Castelo de Sesimbra e deixámos o Senhor Prior a trabalhar. Rumo ao norte até às casas de Alpiarça e depois até Miranda, onde chegámos já de noite.

Padre Horácio

Andei muitos anos a estudar. Tive mestres bons. Aprendi diversos argumentos opostos às variadas objecções que correntes de pensamento falso poderiam opor à minha estrutura mental formada na esteira da Verdade. Muitos argumentos físicos e metafísicos!...

Com gente rica, ou mesmo remediada, de cultura mais ou menos vasta, não me tenho atrapalhado muito. Com os pobres sim. Com os pobres tenho-me visto e desejado. Os pobres são terríveis. Apresentam argumentos duma força e profundidade tal que nos deixam perplexos. Às vezes não tenho coragem para responder. E não respondo. Oiço, calo-me e fico com as suas queixas no coração para os poder compreender e amar melhor.

«Ah! padre, parece que quanto melhores e mais religiosos a gente é, mais temos que sofrer, mais a vida nos corre mal. Parece que Deus não quer saber de nós». No meu íntimo, tenho dito, imediatamente, um não, forte e vigoroso. Não. Deus é Pai. Não é carrasco. Mas mais nada! Eu acho os pobres tão bons,

a ver Évora, dominada pelas suas torres, toda vestida de branco a brilhar com o sol da tarde que se esconde. Perguntámos à entrada e ainda tivemos tempo de ver as oito casas que estão prontas. São um encanto pela situação e arquitectura. Ficam à mistura com a parte nova da cidade. Procurámos Monsenhor e felicitei-mo-lo por tudo, que nos pareceu bem feito. Assistimos na Escola Comercial a uma festa que a Orquestra Infantil da Casa Pia de Beja ali veio fazer e que deixou em todos os ouvintes uma onda de simpatia. Já ia a noite a mais de meio quando partimos para Beja onde passamos o resto.

Dia seguinte, domingo, tomámos a estrada até Beringel. Ali visitámos um grupo de dez moradias e seus moradores. As casas são muito pobres e frias de aspecto, mas seus habitantes estão contentes. Vieram de antros imundos.

SETUBAL

tão caridosos, humildes e simples e a sofrer tanto, que nem eu, nem tu suportaríamos a décima parte do seu sofrer e fico confundido a pensar guardando no pensamento esta queixa amarga e ruminante. Hoje trago-a também para ti, para que te sirva de alimento e de equilíbrio.

Eu não sei como responderemos pelos pecados dos nossos irmãos que também carregam sobre nós. São pecados que emergem da injustiça humana. Injustiça; temos que o afirmar. Eu não encontro outra explicação, pois Deus é infinitamente justo. É Ele mesmo que se queixa na boca trémula dos pobres. É Ele mesmo. Eu tenho-O visto.

Pai Américo tantas vezes falou no Cristo crucificado nos pobres; crucificado, pregado, por nós! Pelo nosso egoísmo! Oh! injustiça que levaste o Senhor ao Calvário! Oh! injus-

tiça social que teimas em manter em sofrimento terrivelmente doloroso o pobre que é a «pegada» de Jesus!

O Senhor também saboreou o abandono de Deus na hora extrema. Valhamos ao pobre que se vê na mesma hora! Enquanto é tempo! Ele, ainda assim, luta, não acredita, diz que faz pecado mas não sabe sair deste labirinto em que se encontra enleado. Ele é a fome; a nudez; o frio; doências umas em cima das outras; o abandono; o desprezo; o esterco; a inferioridade; tudo! E ele sabe, e ele sente, e ele chora e não se revolta. Queixa-se. É a hora extrema.

Só a ajuda material; só o carinho e o amor por amor de Deus é que os tirará deste terrível laço. Não há argumentos! Não há provas! Não há sistemas! Só o amor por amor de Deus. Eu tenho ajudado, quanto tens ajudado. Ainda não gastei um tostão contigo e vivo aflito e confiante. Muitas casas se tem coberto com telhas, por amor de Deus. Muitas camas se têm aquecido com cobertores, recebidos pelo mesmo motivo. Muitos estôma-





Talhada na rocha a gruta servia de abrigo a pastores e seu gado. Para nada mais. Contudo, ela veio a ser mansão desejada para quem se viu perdido na noite e desprezado do mundo: José e Maria. Gruta singela, que pastores e animais recolhiam e pelo bafo destes aquecida; foi a morada primeira do Salvador em Belém da Palestina.

Ora, justamente em Belém de Lisboa, frente ao Cinema Restelo, em pleno bairro novo, quadro idêntico se vislumbra. Encostadas a muro rasteiro, suporte de quinta e montureira, umas tábuas velhas e pedaços de chapa formam barraca diminuta com dois metros de comprimento, um de largo e outro de alto, nem mais. Dentro uns sacos; à porta uma fogueira mortífera; acorçado, meio dentro meio fora, um pobre velhinho tolhido com reumático. Peguei-lhe na bengala, caída no chão preto e verifiquei que tinha justamente a altura da «casita».

— «Práqui estou, só neste mundo. Mal me arrasto. Passo fome e frio».

— «Você quer ir pró Calvário?»

— «O que vem a ser isso?»

Os olhos pequenitos do pobre foram saindo das órbitas, cavadas no rosto sujo, à medida que lhe revelei o Calvário.

Na manhã seguinte, éramos companheiros de viagem no rápido do Porto. Deliciosa conversa foi o alimento do percurso. Tudo simples. Os preferidos são os nossos. Quanto mais Belém, mais da Rua, mais do Calvário. Tudo dispensado: documentação para internamento, comprovação médica, informações, conferências. O lugar mais o rosto macilento constituem o suficiente. Ei-lo, agora, entre os mais doentes, o Ti Lobato.

\*\*\*

*Vejam, agora como se traduz a comunhão nos sofrimentos dos nossos doentes, que estão a chegar cada vez mais.*

«Que esta modesta quantia possa suavizar alguns dos nossos irmãos pobres» — cinquenta escudos. «Em sufrágio de meus avós», igual donativo da Av. de Roma. Peccator de Ovar com vinte escudos. Para o azeite da lâmpada do S. S. — 60\$. Um Senhor do Porto com 100\$. «Por intenção de minha mulher e em continuação da contribuição que ela fazia, 20\$». «Por graça obtida 100\$ e 50\$ de Avelal. Mais 20\$ para ajuda dos doentinhos e em sufrágio de entes queridos. Mais uma nota de cem. Para a «Casa Senhor dos Passos», a erguer no Calvário, mil escudos. As mesmas mãos entregam 40\$ e toalha de linho para a capela da Casa de Beire. Ai se

gostem de ser regalado com idêntica abundância!

Só o mesmo Deus a vir pelas tuas mãos e pelas nossas poderá consolar o Pobre na hora extrema.

Padre Acílio

fossem roupas para os rapazes também, que bom! Esperamos. Uma portuense qualquer envia todos os meses a costumada migalha, e «muito grata lhes fica». Na capital, 100\$. Uma avó com metade. «Por alma de minha afilhada», 40\$. Uma jocista tira do seu pequeno ordenado 50\$ «para o Calvário que tanto admiro». Chegou bem a Beire — Paredes, a nota de cem com destino ao Calvário. Uma assinante com 20\$. Por mais uma graça obtida, 50\$. «Em memória da minha querida irmã que acabo de perder, envio o presente cheque». Bem haja, mas não diga que perdeu, antes ganhou, que para tanto a fé nos dá a certeza. Mais alguém pede desculpa de enviar só 20\$. Pelo correio pequena encomenda. «A obra sublime do Calvário» — 40\$, de Braga. No Espelho da Moda, livro valioso para ser vendido em favor dos doentes. Quem será esta Helena com 50\$ para o Calvário?

Para a primeira aflição que apareça, 100\$. Uma doente vai aqui com 20\$ para os doentes e grande aspiração de que «enquanto vivá possa aliviar o mal de algum doentinho». De novo Braga com oito mil escudos. Cento e cinquenta da R. Guilhermina Suggia. Dois avós de Lourenço Marques com mil escudos para o Calvário. No amor aos Pobres também há devoção acrisolada. Um lençol com 50\$ da Fernanda. Migalhinha de 20\$

dosos das espigas de milho loiro, de que já nem um grãozinho conseguem lobrigar na eira.

O refúgio das aves do inverno, sem penas, sem pão, sem ninho e sem família! Não tardará que não chegue o bando das «aves de arribação» que há-de vir acolher-se sob o teu teto. E, por Deus, encontrarão em ti o pão, o calor e o carinho que lhes foi negado num lar a que tinham direito, mas que nunca existiu ou foi

## Uma Sugestão

«Meu Padre:

Como é de todos já sabido, o Governo decidiu aumentar os ordenados dos seus servidores.

Ora, é mesmo a propósito dos aumentos, que estou a escrever-lhe, para, no seu FAMOSO, pedir a todos os contemplados, tantos eles são, para contribuirem com uma percentagem desse primeiro aumento, para o Património dos Pobres. Se a alegria de dar tocar todos os corações, tereis o prazer de anunciar a construção duns centos de casas para pobres, o que significa, em bom português, a ajudar a debelar um mal que nos aflige imenso. — Ahuncie, o peça a Deus que o ajude!»

«e vamos a ver se pode seguir todos os meses». Outro tanto da capital. Humilde portuense com cem escudos para o Calvário «pela saúde de meu marido». Ele nunca fazemos tanto bem a nós próprios como quando tratamos os outros. De Vila Real 20\$. Com tanta variedade de proveniências nós ficamos a conhecer melhor o mapa e os Senhores a catolicidade da nossa Mãe Igreja. Emília de Jesus apresenta-se com 100\$. Uma portuguesa em Paris, remete mil francos para o Calvário. Anónimo 50\$. «Desejava que esta migalha fosse para o Calvário e que Jesus a multiplicasse». Quem pode duvidar da actualidade dos milagres do Senhor? Ele é de ontem e de hoje e de sempre. Ora, outra vez a doente dos 20\$, com eles para os doentes. Com igual quantia uma Maria do Porto. Em cumprimento de promessa, ainda a mesma soma. Mais 50\$. De Matozinhos, outro tanto. De Alvorge 100\$ com o desejo de mitigar dores incuráveis. Para o Calvário a mesma nota de quem muito sofre. Os senhores da «Abelha» andam a cotizar-se por lá. Estiveram aqui e deixaram colmeias com cera. Vamos, pois, ter mel.

P. S. — Em cartas d'rigidas ao Sr. Director do Calvário perguntava-se onde é que isto fica e qual o meio prático de condução. Ora, o Calvário, mas a Casa do Gaiato de Beire ficam na freguesia de Beire, concelho de Paredes. Meio normal de condução para quem vem do Porto é o comboio até Paredes, e depois um troço de estrada regular, até que haja carreira directa.

Padre Baptista

## BELÉM

— Continuação da 1.ª página —

destruído pelos pecados dos homens.

Quando estas linhas caírem sob os olhos dos leitores de «O Gaiato» já eu, com a aprovação e a bênção do meu Bispo, terei aqui iniciado a obra simples mas difícil e delicada de agasalhar, defender e educar a rapariga da rua, para fazer dela a mulher digna e consciente das suas responsabilidades, na família e na sociedade. Para tal, é preciso que ela aprenda, praticamente, como se vive em família e qual o papel que aí tem a desempenhar. É preciso também que ela viva em contacto com o mundo exterior, para que aprenda a defender-se das suas ciladas e encontre, no contacto com as pessoas virtuosas, um estímulo à vida honesta e útil.

Que de responsabilidade numa tal obra!

Quantos obstáculos a vencer! Quantos problemas a reclamar solução!

Para que algo de frutuoso se possa conseguir, é preciso que à nossa volta cerrem fileiras todas as almas nobres e generosas, capazes de nos compreender e dar o seu apoio moral e material. E graças a Deus que, ainda por nascer,

## Chales de Ordins

A falta do pão traz a falta da educação religiosa, moral e civil. Por isso, não só como simples homens, mas, mais ainda, como homens da Igreja, não podemos ficar indiferentes, diante dum necessitado. Estão em jogo uma vida e uma eternidade, que desabroçam, bem ou mal, segundo a educação. Estão em causa o nosso bom nome sacerdotal e o da Santa Igreja. Não basta sermos esmoleres, mesmo até ao extremo. Há que organizar a caridade na Paróquia, pois só assim se extinguirão os barredos, que os há por muita parte.

Temos de evangelizar os Pobres, mas o Evangelho só de palavras soará a oco. Transformar-se-á, até, num escândalo, numa blasfémia, principalmente no nosso tempo, eivado de ideias materialistas.

Cristo «passou fazendo o bem», não só às almas, como aos corpos. Os seus milagres são a demonstração da sua divindade. Seguindo o seu exemplo, temos de demonstrar, no mundo pagão de hoje, a divindade da Igreja pelos «milagres» de caridade.

Incidir a nossa acção, apenas, sobre a caridade espiritual pode ser motivo, até, para afastarmos da Igreja almas, aliás boas. Zolli, Grão Rábino de Roma, confessou um dia que o maior obstáculo à sua conversão foi «a pobre ideia que tantos católicos mostram ter de caridade». Receava converter-se, diante da «desconcertante incoerência de muitos católicos», nos quais há um «catolicismo de inteligência, que o não é de coração». Israel Zolli

«Belém» já pode contar com algumas dessas almas. Devo aqui destacar o Senhor Governador Civil de Viseu que com tanta solicitude e carinho tem ajudado «Belém» a vencer as dificuldades dos primeiros passos.

Também já foi apresentada ao Excelentíssimo Ministro da Saúde e Assistência, que declarou não querer limitar-se a dar ao nosso pedido um despacho meramente burocrático; mas ir acompanhando de perto a nossa experiência de educação de raparigas, segundo normas diferentes das geralmente usadas.

A nossa direcção: Quinta da Calçada, Vildemoinhos, Viseu.

Inês

## Aqui, Lisboa!

— Continuação da 1.ª página —

que corre ali a dois passos na febre do prazer — quantos aguentariam, não digo já dormir naquele chiqueiro, mas quantos suportariam a presença daquele homem no seu carro? Quantos? Por isso chamou a tudo isso «porcaria». Por isso nos tratava por «vossa santidade». E nós ali éramos tão pequeninos! Quanta fraqueza em suportar dificuldades e aflições (Eu tinha ido para desabafar um pouco com Padre Acílio as minhas dores de cabeça). De que barro se sou! Eu Padre com Graça su-

foi, contudo, atraído à fé católica pelo exemplo da «caridade de Papa XII».

Prêgamos a homens, seres com necessidades corporais, não a espíritos. Usemos, então, como arma de conquista, da caridade material. Como se fôramos seus pais, alimentemos os Pobres, vistamo-los, abriguemo-los, providenciemos às suas necessidades. Prêgando só, com palavras, perderemos tempo. Falar-lhes da assistência à Missa? Mas eles não têm roupa... Respeitar a propriedade alheia? Mas a fome não tem lei... Viver em castidade? Mas a habitação é um quarto. Não há os compartimentos, nem os leitos necessários. Da a promissividade... Mas o pior é ser o homem um animal inteligente; mas de hábitos. E o hábito pode modificar a inteligência das coisas, passando a ter-se como lícito o ilícito... Por isso, se vivermos em meios desfavorecidos, mas ainda cristãos, deitemo-lhe já a mão, doutró modo, breve, perde-lo-emos. E não esqueçamos que soerguer da miséria um filho de Deus custa mais, que impedir que nela caia.

\*\*\*

De Lisboa vieram estes ecos: «23 de Outubro — dia do aniversário do que foi na vida Padre Américo — e a quem devo tanto como todos os pobres nossos irmãos a quem agasalhou e consolou na ternura imensa do seu coração bondoso.

Alargou no meu coração o caminho da Fé, ensinou-me a ver; colhi nos seus escritos os momentos de maior prazer espiritual que jamais senti». Quantos como esta alma podiam, em verdade, subscrever esta confissão!

Caldas da Rainha e Ribeira Brava (Madeira) mostram-se cuidadosas para com os pobres, com desejos de cada vez mais acertarem. Beira (Moçambique) aqui segue.

No mesmo abraço se juntam Castelo da Maia, Porto, Ribeira de Ave, Rebordainhos, Almofala e Braga. Palmela encomendou, gostou e tornou. De Lisboa um mundo de gente vem aos nossos chales. Há por lá quem muito se sacrifica por Ordins e suas necessidades.

Torres Novas dá do que lhe faz falta, «mas o coração não tem

— Continua na 4.ª página

ficiente para superar a minha própria fraqueza, e inferior àquele homem! A minha alma foi regada por uma Graça miudinha que saíu da boca daquele miserável. Eu quero pagar-lhe o bem que me fez. Peço uma casa para aquele nosso irmão. Quem a dá? Não acredita? Vá ver mesmo atrás do Cinema Restelo. Uma casa para ele no Calvário! Desaparecida a barraca miserável, a Câmara podia recolher o lixo e todo o mundo fica livre do juízo cruel daquele homem: «Para encontrar um bom é preciso quase andar de can-deia acesa porque isto é tudo uma porcaria».

Padre José Maria



# Da que nós necessitamos

É o Natal. O sentido da nossa fraternidade revive com mais intensidade. A visita do Pai Comum está à porta e quer ver alegria em todos os lares. Ele mesmo prepara a vinda. Não com os enfeites das ruas, nem o estralejar de foguetes. Não. É no silêncio. Toca os corações e quebra os mais endurecidos ao calor do braseiro da Caridade.

Não vejo, nem posso ver outra explicação para o monte de cartas que chegam até nós, pedaços de corações tocados.

\*\*\*

À frente vão os pobres do Barredo. «Junto envio 200\$ para tornar menos amargo o Natal de 4 famílias das mais necessitadas». É recado de Luanda. E mais lhe digo que, os 100\$ mensais que tem enviado o assinante 11.902, não faltam. «Com a maior gratidão, pelos momentos de tranquilidade espiritual que o pensamento da Obra da Rua me prodigaliza, envio 100\$». Vem de Braga. Passa agora a avó a pedir pela neta e marido. Entre os dedos, uma nota de 50. Cabeceiras de Basto logo a seguir com outro tanto. E o Abílio Orlando e José António, muito juntinhos, somam o dobro. E a procissão engrossa. Mais gente, muita gente que quer entrar! São os *tocados*. Uma leitora do «Gaiato» guardou uma migalhinha da sua mesa e vem trazê-la radiante de alegria: «20\$ das minhas modestas economias para alegrar o Natal de um pobrezinho do Barredo». Selos? Mandem, por favor. Mais outra a caminho do Barredo. Na algebeira leva 50\$ para «a ajuda da consoada duma família do Barredo. Uma humilde portuense». Não há distâncias. De Montepuez, duas notas de cem «para o Natal dos pobrezinhas» e palavras de muita simpatia. Tudo cumprido.

Parem um momento. Vem do Brasil: «deve estar a chegar aí um caixote. São coisas a esmo que fui pondo e pensando na Obra da Rua e nos seus Gaiatos. Roupas e calçado usado; livros, revistas, jornais, albuns, etc., etc.». Quanto carinho nestas palavras «fui pondo e pensando na Obra da Rua e nos seus Gaiatos». Eles bem o sabem. Daniel e Manuel Pinto devem a alegria da ida a Lourdes a todo esse carinho e devoção. Duas de 50. Da Rua de Sampaio Bruno, de Lisboa, acrescentam mais uma.

De novo o caminho do Barredo cheio de gente. Aonde vão? As «bichas» costumam formar-se em frente dos cinemas, teatros ou outros lugares de prazer. E aquela gente? «Uma pecadora» leva uma nota de 20. Aquelou'ro já conhece bem o caminho, pois passa lá todos os meses com uma de 100. Os mais atrozados correm aflitos: «Junto encontrará a modesta quantia de 20\$ relativa às prestações dos meses de Agosto, Setembro, Outubro e Novembro». Esta leva um lençol, com certeza a pensar nos colchões nus e esfarrapados. Aquela tem lá ido levar «a percentagem de uma percentagem» acompanhada dos nossos

rapazes do Lar. E ainda por cima, manda 100\$. «Em acção de graças pela miopia de minha filha não adiantar».

Restos de assinaturas para «melhorar uma ceia do Natal e uma encomenda de rebugados para os pequenitos do Barredo». Duas notas de cem para o mesmo fim. A carta vem de Luzo e diz que 400\$ são para o pobre de Ana Maria. 50 do mealheiro de uma filha do assinante 1.953. O dobro da Rua Alves Correia de Lisboa e uma «gotinha de água» de Coimbra. Um rôr de notas de 50+241\$20. Três de 100 «do meu primeiro ordenado» e mais uma para ajudar os pobres no Natal.

Uma oferta da Fábrica Dragão-Dihunit. Mais notas de 50. Três pacotes no Espelho da Moda. Duas de 20 e logo a seguir outras duas de 100. Alguns destes nomes são-nos bem conhecidos. De Aveiro um pacote de pullovers de lã que tanto jeito nos fazem. A assinante 24.434 manda o seu óbulo — 1.000\$. E as notas de 50 não param. São mais duas. As de 100 logo atrás. São as do costume, dizem. Pessoal da Mobiloil — 53\$50. De uma avenida do Porto, 1.600\$ distribuídos conforme pede. Agora é Tete que vem com 300\$ para assinatura do jornal e o resto para ficar. Outra vez África, com 500 da C. P. 44 e 400 da Beira. Uma «migalhinha» de Roma para uma mãe sustentar o seu filho. 100\$ do Dundo «para o Natal do Gaiato». Livros e roupas usadas. Mais África com 150\$ «para a compra de broas de mel para a consoada» de um grupo de Operários das «Fábricas de Cerveja Reunidas» de Lourenço Marques. Os 20 da Avó de Moscovide; mais o heroísmo da Rua da Corticeira, e outro tanto da Póvoa de Varzim. Brasil! «Promessa é promessa. Envio 1.000\$, um pouco da minha gratidão pelo bem que recebi». É de S. Paulo, de pessoa muito amiga. Da Av. de Roma, 1.800\$ para vestir três pobres dos mais pobres. As ruas do Barredo continuam a receber mais gente. Do Lobito três décimos «para um casal melhorar a sua ceia de Natal». As «duas irmãs muito amigas» também não faltam. Leopoldville também não. De Avanca, pedindo orações pela alma de Júlio Neves, 1.000\$. Tudo o que nos tem mandado temos recebido. De um mealheiro instalado numa tabacaria do Porto — 415\$00. Muito gratos. Um colchão e 50\$ e mais 20 angolares para os pobres.

O nosso Barredo tem alimentado a chama da Caridade em muitos corações, de jovens e de não jovens. Diante de nós, duas cartas são disso testemunho vivo. Para elas irá uma solução na próxima visita ao Barredo.

Padre Manuel António

Visado pela  
Comissão de Censura

## LAR DO PORTO

Snr. Padre Carlos já tinha conferenciado connosco sobre o retiro. Dias antes, ficou assente que seria feito nos dias sete e oito, para que desta maneira não fosse necessário algum de nós faltar ao seu trabalho. Ainda não tinha sido designado o local onde seria, e então resolveram que seria em Beire. Partimos todos no sábado à noite; os que podiam foram de comboio, e os outros seguiram mais tarde no nosso «autocarro», (o autocarro é a Morris). Os que chegaram mais cedo foram fazer uma visita à futura cidade, mas antes que tudo jantar. Lá fomos engraxar um pouco a Snr.ª D. Virginia e tanto engraxamos que se viu o lustro traduzido nas suas palavras dirigidas ao que nos servia o jantar: «Vai buscar isto, vai buscar aquilo, e trata-me bem os do Lar». Cerca das dez horas já todos estávamos juntos perguntando uns aos outros: — Onde se dorme? Até que surgiu o Snr. Padre Manuel António que nos disse ser no hospital do Calvário que ainda não está concluído. Subimos as escadas já a sonhar com cama fofa que nos esperava a dois passos, mas... ó ingratidão!... pensaram alguns, quando viram colchões no chão. Já deitados tivemos a primeira conferência, presidida pelo Senhor Padre Garrido que nos acompanhou durante todo o retiro. Apagaram-se as velas. Corpos em descanso, almas inquietas. Somos sobressaltados. Era a luz da razão que batia à porta das nossas consciências.

Longe do bulício do mundo podemos fazer uma revisão ao passado e um sumário para o futuro. Todos viemos com verdadeira noção de Vida, mais Vida. No retiro pode ver-se melhor qual o verdadeiro teor de Vida. Juntamente com outras coisas foi este o retiro dos rapazes do Lar do Porto.

— Quando o Círculo de Cultura Musical anunciou dois concertos no Teatro Rivoli, pelo pianista Gleb Akselrod, Sr. Abraão, desinquietou-nos. Quería ver, e que os que gostassem vissem. Sr. Abraão, Ilídio eu concordamos, em bater à porta daquela organização, e, logo fomos acolhidos pela Snr.ª D. Ofélia Diogo Costa, digna directora do Círculo que muito prontamente nos deu três convites para um dos concertos. Fomos outra vez, e outra vez. Esta boa Snr.ª repetiu o gesto e deixou a promessa para os próximos espectáculos. Para esta Snr.ª e todos os nossos amigos, vão os nossos agradecimentos e os melhores cumprimentos.

José Gomes

## BEIRE

As notícias desta vez, grandes como nunca. Atenção caros leitores: como sabeis, pois já o dizia na crónica passada, já cá temos o Snr. Padre Baptista com os dois primeiros do Tojal. Houve festa, pois claro. Eramos órfãos e agora não. Depois vieram de Paço de Sousa 20 e, duma só vez, tivemos outra festa. Vinte irmãos duma só vez, mais 18 que chegaram agora do sul e a festa foi no dia da Imaculada Conceição.

Estávamos nesta casa, fez 3 anos no dia de S. André, só 6, e agora somos 46 gaiatos. Esta semana foi muito rica. Mais dois doentes para o Calvário: o Snr. António das Furnas de Monsanto e a Snr.ª Maria José, de Coimbra, está tão malzinha, que grita todo o dia e noite. Somos ao todo, quase 60 pessoas. Os leitores tomem nota: temos «batatinhas». O Adriano de Paço de Sousa era o ma's novo, mas ficou mal. Há outros e o benjamim agora é o Afonso Henriques a comer arroz branco e a tomar leite, a ver se cura os intestinos que vêm muito enfilipados. Os «Batatas» à padio'a e o Lour'nha a comandar o desaterro do campo da bola. E aqui um ponto de espera para dizer aos nossos amigos que o estádio vai ficar uma categoria, mas que não há chuteiras, nem equipas, nem bola, nem nada. Só o campo e as pernas com sa'd'inha para dar o pontapé se os senhores nos mandarem a bo'a. Sorte teve o Alfredo; só se queixou nesta crónica 2 vezes e já tem o sonho realizado: um rádio pequenito! Não há ninguém nesta casa nem no mundo, mais feliz do que o Alfredo. Que não tenha camisa ou sapatos, não interessa. Mas tem música! — Só o senhor do harmonio ainda não ouviu. E os cânticos do

## PELAS CASAS DO GAIATO



Natal? É o primeiro Natal festejado nesta nova casa. Jesus Menino vai nascer na alma de cada um, nesta noite grande, a 1.ª vez na nossa capela, e não teremos um harmoniozito a acompanhar! Não seremos também do Pai Américo? Caros leitores, lembrem-se disto: seus filhos mais novos neste Natal, que não temos a senhora das camisolas, nem a das amendoas, nem a do Bo.o Rei.

— O Eurico inaugurou o forno e já cose a nossa broa. O Passos trata dos porcos todo contente porque sabe que eles dão regelos. Faniqueira nas galinhas, o Bolacha na copa e o Ordins no refeitório. Não tínhamos cozinheiro mas agora já temos o Sedielos que os senhores conhecem, a mandar chover, com a sua colher de pau. Se os senhores quiserem, é só vir ver a sua tironesia.

E cá está uma nova Casa do Gaiato que os senhores têm esquecido um bocadinho. Agora o Senhor Padre Baptista tem muito que fazer. Falta tanto nesta casa! Não temos armários, não temos roupas e tanta coisa, que o Senhor Padre Baptista coça a cabeça e sai pela porta fora. Sabem o que é uma casa a começar com 60 pessoas?

— São os lenços de assoar, e que tantos grelistas com o Cete à frente! Bolacha ata ao pescoço o que lhe deram. «Para que é isso?» «Para não perder senão no sábado!...» Pastas para dentes e copos. Com esta geada os pequenos e os grandes tudo descalço no campo, logo de manhã, e até descalços na missa ao domingo. Descalços porque não há calçado. O que eles trouxeram, já velho, e rebentado, acabou. Está tanto frio! Quem apita? São dos 7 anos aos 19. Nesse número estou eu metido. Gravatas para os maiores e mais tirones, me'as para o frio, tudo. Quem tem gavetas sujas que as limpe porque aqui está tudo limpo.

— O inverno vai áspero. Uma velhinha pediu uma saia. Nós dissemos: «Olhe poderá ser quando vier o Snr. Padre que os senhores mandem para cá alguma coisa». Há dias apresentase a reclamar a saia: «eu bem sei que o Snr. Padre já veio». Mas como nada lhes mandastes, nada temos para ela. Ficou à espera e nós também. Só Donelo se não esqueceu de nós com as costumadas camisas para o Calvário. A última hora chega outro doente. É da esninha. A Snr.ª Conceição. Quantas roupas quentes para estas doentes? Os amigos benfeitores sabem que isto é frio e quem é doente...

— São quase 40 na escola e o Snr. Padre Baptista não tem quem venha dar lição, tem de ir ele dar metade de manhã e metade de tarde e não pode ser que ele tem mais que fazer, e fica tudo atrazado.

— E agora para variar um pouco: — Está ali o sacristão a pedir malvas para a mãe que é entredadinha.

— Minha senhora, está ali o sacristão a pedir t'gelas para a mãe.

E agora Senhores a vossa generosidade à prova: limpeza às vossas casas nesta quadra do Natal que a nossa está limpinha de todo. Já sabem: Casa do Gaiato de Beire — Paredes.

— Cá estou eu na mesma notícia dos anos anteriores. Eu faço anos no dia 29 do corrente. Eu cá me encontro à espera que alguém se lembre de mim e não esqueçam também a nossa Casa que está pobre de todo.

— Para terminar desejo a todos os leitores, um Natal Feliz e até à próxima se Deus quiser. Adeus.

Zéquita

## Chales...

— Continuação da 3.ª página —

leis». Em diversos lados, há quem não nos esquece com as suas repetidas encomendas. São as propagandistas de Lisboa, Mafamude, Nazaré, Vale de Prazeres, Nisa, Aveiro, Alcobaça e S. Bernardino quem incendia e a quem só Deus poderá pagar cem por um.

Caxarias não esquece, ao fazer a sua encomenda, a Casa das Tecedeiras. De um médico, 50\$. Da C. U. F. e da Robbialac Portuguesa alguns dos seus produtos.

Do Governo Civil do Porto a encomenda de 50 chales e a grata visita do Chefe do Distrito, há meses prometida.

O Natal já está próximo. Não deixeis de agasalhar, ao menos um Pobre teu vizinho. Pedidos para Ordins — Lagares (Douro) e vales do correio, pagáveis em Paço de Sousa. 65, 95 e 125\$, ou o mais que queiras.

Padre Aires

## PRESENÇA — Continuação da 1.ª página —

criou, que é Seu. Se «os Seus o não receberam», tanto pior para eles, que, rejeitando «o poder de se tornarem filhos de Deus», permanecem somente «nascidos do sangue, da vontade da carne, da vontade do homem».

Mas o que estes, que preferem o menos ao mais, o relativo ao absoluto, o efêmero ao eterno, o orgulho da sua *necessidade* à sabedoria da sua contigência — o que estes homens nunca poderão, por mais que as aparências os enganem e os deixem iludir, é expulsar o *Intruso*.

Cristo será até ao derradeiro dia do mundo que criou, a grande Presença, queiram-no ou rejeitem-no os homens.

Se O quiserem — porque de boa vontade — encontrarão n'Ele o *Príncipe da Paz*, que os Magos, naqueles dias, procuraram tão diligentemente, em busca de *mais*, da Fonte de Águas Vivas, sabendo que só elas matam todas as sedes do homem.

Para os que O rejeitarem, Ele será a pedra de escândalo, da contradição, da tragédia. Não-de viver incessantemente, desesperadamente, na construção da Paz, que afinal está ao seu alcance, desde o Natal, quando a Paz, a Luz, a Verdade, o Caminho, a Ressurreição, a Vida, se tornaram Pessoa em Cristo Nosso Senhor, pelo mistério insondável da Misericórdia do Pai.

x x x

Que este Natal, o Menino nasça de verdade nos nossos corações, O conhecer, nem precisando de pedir aos Magos que tornem por aqui a dizer onde Ele mora, porque Ele mora em nós e é aí que «O adoramos em espírito e em verdade».

ções, humildes, contritos (quero dizer: bem conscientes da sua pequenez de criatura) todos simplicidade, todos absorvidos pelo desejo